

## Instrumentos Linguísticos

Ciência e tecnologia são quase exclusivamente associadas às áreas da computação, engenharia, medicina e físico-química. Contudo, há séculos, e antes daquelas, as ciências da linguagem têm desenvolvido ferramentas tecnológicas, raramente percebidas enquanto tais, mas, em todo caso, fundamentais para a forma como nos organizamos como sociedade e produzimos conhecimento científico. São elas, por exemplo, a escrita, a gramática, o dicionário, o glossário, a enciclopédia, o livro didático, o atlas linguístico e, mais recentemente, os programas de processamento de voz e de textos, entre muitos outros. É pelo viés da História das Ideias Linguísticas (HIL) que tais ferramentas são consideradas instrumentos tecnológicos, ou mais precisamente, instrumentos linguísticos.

O conceito de instrumento linguístico tem sido (re)trabalhado por diversos pesquisadores da HIL desde que foi inicialmente mobilizado por Sylvain Auroux (1992, p. 69), com o sentido de um artefato que “prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor”. Um instrumento linguístico é, assim, definido como objeto discursivo (COLLINOT, MAZIÈRE, 1997), objeto histórico (ORLANDI, 2001), objeto técnico-cultural e sócio-histórico (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010), objeto cultural e técnico-histórico (MEDEIROS, ESTEVES, 2020), objeto gendrado (ZOPPI FONTANA, 2017) e objeto racializado (MODESTO, 2022). Ele é pensado ainda, no espaço-tempo brasileiro, em relação à partição da língua, indicando não o que se colocaria como da ordem do nacional, mas do local, do regional (MEDEIROS, PETRI, 2013).

O princípio básico é de que os instrumentos linguísticos apresentam uma dimensão técnica (não são feitos de qualquer maneira) e uma dimensão político-histórica (não são feitos sem razão e de forma neutra) (AQUINO, 2020). Além disso, inspirando-se em Auroux, novas categorias vêm sendo propostas para alargar a compreensão de instrumentos linguísticos. Fala-se, assim, de instrumentos de jurisdição da língua

(ORLANDI, 2001), instrumentos glotopolíticos (ARNOUX, 2008), meta-instrumentos linguísticos (GUIMARÃES, 2014), instrumentos linguísticos de metassaberes (ESTEVEZ, 2014), des-instrumentos linguísticos (FERREIRA, 2020) e instrumentos linguístico-jurídicos (GONÇALVES, ZOPPI FONTANA, 2021).

Longe de apenas descrever ou representar a atividade linguística dos falantes, os instrumentos linguísticos são fábricas de línguas (AUROUX, 1998; AUROUX, MAZIÈRE, 2006), empregados geralmente como tecnologias de gerenciamento do espaço urbano (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2011). Dessa forma, eles atuam na construção do efeito imaginário da unidade linguística (PFEIFFER, 2007) e, finalmente, na evidência da ideia de que os seres humanos falam – esta(s) ou aquela(s) língua(s). Nenhum sujeito escapa, portanto, à introdução dessas tecnologias em um dado espaço. Para dizer de forma simples, as ferramentas tecnológicas da linguagem não apenas recortam e hierarquizam falares, determinando o que é ou não a língua, mas também ordenam e classificam os falantes.

O escopo deste número especial da revista Porto das Letras é o mapeamento e a análise dos mais diversos instrumentos linguísticos. O intento, alcançado, foi o de reunir textos que discutissem a produção e o emprego dos instrumentos linguísticos nas mais diferentes áreas e atividades sociais, abordando seus aspectos técnicos, teóricos, políticos e ideológicos e suas implicações para os sujeitos, as línguas e o conhecimento linguístico.

Os 21 textos que constituem este dossiê estão dispostos da seguinte forma: primeiramente, encontram-se os artigos que analisam um tipo específico de instrumento linguístico; em seguida, aqueles que fazem análises diversas em instrumentos linguísticos no Brasil e no mundo, nessa ordem, tomando ainda para organização entre eles o critério cronológico dos textos analisados. Por fim, encontram-se duas traduções, a de um artigo e a de um capítulo de livro originalmente publicados em francês e que são de inegável relevância para a discussão que se pretende com este número engendrar, além de uma resenha da tradução da biografia de Ferdinand de Saussure escrita por John Joseph. Passamos a seguir a apresentá-los individualmente.

Alejandro Díaz Villalba analisa, no artigo *Listas y tablas como herramientas lingüísticas: los participios dobles en las gramáticas españolas (1743-1854)*, o tratamento dos chamados participios duplos em gramáticas espanholas dos séculos XVIII e XIX para tomar as listas e tabelas como ferramentas linguísticas. Fazendo um breve apanhado da história desses artefatos, o autor enumera as propriedades que caracterizam

as listas e tabelas como instrumentos linguísticos, responsáveis, nessa qualidade, segundo se argumenta, por ampliar o conhecimento dos falantes. O autor também pontua diferenças entre listas e tabelas quanto à complexidade de informação que elas podem estruturar, mostrando as vantagens dessas ferramentas para o reconhecimento e formalização de formas linguísticas distintas e a maneira como elas impulsionam e assentam uma questão como uma problemática a ser enfrentada pelos gramáticos.

Daniela Lauria e Andrés Buisán trazem uma análise do manual de estilo da agência oficial de notícias do governo da Argentina no início da década de 1980, na passagem da ditadura para o regime democrático. Assim, no texto *De la Guerra de Malvinas al final de la dictadura. Una lectura glotopolíticadel manual de estilo de la agencia oficial de noticias Télam (Argentina, 1983)*, a partir de uma leitura dita “glotopolítica” da história dos manuais de estilo da imprensa em espanhol, Lauria e Buisán mostram como esses instrumentos servem à regulação linguística e discursiva e também à circulação de ideologias, não sendo, portanto, jamais alheios às condições sócio-históricas em que são produzidos. É dessa forma que se argumenta como, dentro de uma política de línguas nacionalista e hispanista durante a última ditadura argentina, o manual governamental de redação de notícias trabalha uma identificação tradicional entre língua, nação e Estado, tendo sido empregado na Argentina ao lado de outras ações institucionais de censura e repressão do governo militar e exaltação triunfalista da guerra das Malvinas.

Wanderson Chaves de Queiroz e José Edicarlos de Aquino analisam os glossários produzidos pelas forças de segurança no Brasil e mostram como essas ferramentas gozam de valor jurídico por serem empregadas na investigação e produção de provas contra organizações criminosas. No artigo *Glossários das forças de segurança no Brasil: os instrumentos linguísticos na relação com o direito e o Estado*, os autores apontam as polícias, Ministério Público, advogados e juízes como os sujeitos envolvidos na produção e emprego dos glossários das forças de segurança, notando que os jovens negros e pobres, o comércio e consumo de drogas e o porte de armas são as pessoas, ações e objetos que esses instrumentos definem como do universo da criminalidade, deixando de fora atividades como crimes de corrupção ou do colarinho branco. Numa reflexão sobre o trabalho da interpretação e a construção histórica dos sentidos, bem como da relação entre língua e direito, argumentam ainda que os instrumentos linguísticos não são artefatos objetivos nem neutros, mas guardam relação com o direito e os aparelhos ideológicos do

Estado, estando sua utilização, portanto, à serviço dos controles que o aparelho jurídico-policial do Estado brasileiro desenvolveu ao longo de sua história.

Em *Dicionários filosóficos e glossários em filosofia: artefatos culturais filosóficos e instrumentos de saturação da referência*, Gleiton Matheus Bonfante investe no cruzamento entre Filosofia e História das Ideias Linguísticas, defendendo um entrelaçamento entre os instrumentos e saberes linguísticos e a prática de filosofar e colocando em relação de analogia e concorrência os conceitos de instrumento linguístico, artefatos culturais filosóficos e de instrumentos de saturação de referência. O conhecimento metalinguístico e conceitual é o ponto de costura apontado entre os dicionários e glossários filosóficos e os instrumentos linguísticos como gramáticas e dicionários. Já a marcação da diferença diria respeito fundamentalmente à saturação da referência, uma função estabilizadora do sentido presente principalmente nos artefatos filosóficos. As (des)semelhanças levantadas nas formas analisadas de instrumentação linguística tocam em questões como a relação dos instrumentos linguísticos com a (in)completude da língua e a materialidade linguística e discursiva, a idealização de um leitor e a incidência sobre a (não) neutralidade e universalidade dos conceitos e sentidos.

No artigo *Caminhar entre listas: bibliotecas como espaços de instrumentação linguística*, Phellipe Marcel da Silva Esteves e Gustavo José Pinheiro, ancorados na Análise de Discurso Materialista, na sua relação com a História das Ideias Linguísticas, refletem sobre as bibliotecas não apenas como instituições, mas como espaços em que potencialmente se dá instrumentação linguística. Nessa visada, propondo a construção colaborativa do que formulam como História Discursiva do Livro, aproximam-nas de artefatos linguísticos, tais como gramáticas, dicionários, livros didáticos de língua(s), a fim de contribuir para uma reflexão mais ampla a respeito das formas de materialização de instrumentos linguísticos, considerando-os na relação que estabelecem com a divisão do espaço institucional e com o próprio corpo.

Gabriel Leopoldino dos Santos e David Guadalupe Toledo Sarracino tomam a gestão escolar como um “instrumento de políticas de línguas”, com efeitos sobre o modo como as línguas e seus falantes são significados na escola, essa concebida, na perspectiva da Semântica do Acontecimento, como um “espaço de enunciação”. No texto *A gestão escolar como um instrumento de política de línguas*, a partir da análise das práticas político-linguísticas observadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), os autores avaliam que os atos administrativo-normativos da gestão

escolar organizam a forma como cada língua funcionará em seu espaço de enunciação, exercendo poder no jogo de forças entre línguas e falantes no espaço da escola, colocando, por exemplo, no caso analisado, o inglês em lugar de primazia com relação às demais línguas e dando menos valor aos falantes de espanhol e da língua brasileira de sinais e mesmo de português. É por organizar, dividir, distribuir, redistribuir e determinar politicamente as línguas que a gestão escolar é compreendida como um instrumento de política de línguas, sempre indissociável do funcionamento do Estado.

Filiadas à Análise de Discurso materialista e à História das Ideias Linguísticas, Jael Sanera Sigales Gonçalves, Vitória Eugênia Oliveira Pereira e Monica Graciela Zoppi Fontana assinam o texto *Instrumento jurídico-linguístico: direito, universidade e nacionalidade na produção de saberes sobre a língua*. Nele, as autoras analisam o funcionamento discursivo de dois documentos que compõem um arquivo jurídico voltado à investigação de políticas linguísticas, a saber: o Termo de Referência que vincula a Cátedra Sérgio Vieira de Mello às Instituições de Educação Superior a ela relacionadas e o Projeto de Lei Nº 489/2019. Assim, o texto debruça-se sobre um outro tipo de instrumento linguístico que regula a língua não pela prescrição gramatical ou dicionarística, mas pela prescrição jurídica. As análises relacionam de modo contundente direito, língua, sujeito e Estado no modo de produção capitalista e, a partir delas, se chega à formulação do conceito de instrumento linguístico-jurídico através do qual as autoras analisam os processos de subjetivação que tocam as línguas e a divisão desigual das línguas nos espaços de enunciação que se dão pelo atravessamento entre Estado e Direito.

Marcus Menezes assina o texto *Saberes metalinguísticos em uma cartilha de pedagogização antirracista*. O instrumento linguístico em foco é uma cartilha temática, entendida pelo autor como um instrumento regulatório da vida em sociedade, tal como sua sustentação na Análise de Discurso materialista e na História das Ideias Linguísticas permite afirmar. A análise mostra que a produção da cartilha em foco não se ampara em saberes técnicos externos, permanecendo ausente, então, a discussão linguística especializada em torno das expressões e formulações que são apontadas como racistas na cartilha. Assim, Menezes defende que a língua funciona como um objeto do debate racial em que o que sobressai é a discussão em torno da racialidade desacompanhada da produção intelectual e científica da linguística. Finaliza o autor mostrando que, apesar da ausência de um saber linguístico especializado, as cartilhas do tipo analisado parecem

ditar formas de usos linguísticos, especialmente no que concerne ao debate racial, o que mostra a força desse instrumento para o sujeito do conhecimento e para a vida social.

Em *Um instrumento linguístico eventual: a "dicionarização antirracista de Instagram"*, à luz da Análise de Discurso Materialista, Matheus Oliveira Souza toma como objeto de análise discursos racializados sobre a língua, em circulação no *Instagram*, notadamente em perfis que, como afirma, simulam o funcionamento de instrumentos linguísticos, como dicionários e cartilhas, dizendo combater termos e expressões que, de acordo com certa interpretação linguística vinculada à militância negra, teriam se constituído historicamente a partir de uma formação discursiva colonialista/racista. Em sua análise, observa uma regularidade em tais perfis que, como assevera, denunciam palavras e expressões consideradas racistas e prescrevem outras opções com sentidos similares, produzindo, assim, uma abordagem normativa. Paralelamente, Souza tece ainda uma reflexão a respeito do modo como tais perfis simulam a função de instrumentos linguísticos tradicionais, propondo a noção de *instrumento linguístico eventual*.

Em *Criação do CODIC - Corpus Oral de Divulgação Científica: considerações linguísticas e metodológicas*, Jackson Wilke da Cruz Souza, numa reflexão sobre divulgação científica e linguística de corpus, analisa o Corpus Oral de Divulgação Científica (CODiC), composto pelas respostas de professores, técnicos e alunos da Universidade Federal de Alfenas às perguntas enviadas pela comunidade numa rádio local, qualificando-o como um instrumento linguístico que possibilita a popularização de conceitos e metodologias científicas. O autor descreve as possibilidades que esse instrumento permite para a observação do modo como os especialistas acadêmicos desenvolvem atividades comunicativas de acessibilidade do conhecimento científico para o grande público, chamando também atenção para as questões histórico-ideológicas que fomentam esse tipo de artefato na sociedade atual, como o combate à desinformação, às notícias falsas e aos pensamentos anti e pseudocientíficos.

Juciele Pereira Dias analisa os dizeres sobre educação elementar publicados no jornal *Correio Braziliense* no início do século XIX para compreender a maneira como os “instrumentos linguístico-midiáticos” definem e põem em circulação o ensino da leitura e da escrita e também a identificação “das gentes do Brasil”, conforme expressão do próprio periódico. Em *Ensino da leitura e da escrita de/em classes do periódico Correio Braziliense: gestos de análise discursiva*, a autora, no entremeio da Análise de Discurso, História das Ideias Linguísticas e História da Educação, mostra as formas que a divisão

social da leitura, do trabalho e da denominação “brasileiro” vão tomando no momento de fundação de uma nação brasileira independente de Portugal, interrogando a formação e a denominação da língua nacional, bem como a segmentação e classificação dos falantes. Conforme analisado, enquanto um instrumento linguístico-midiático, a publicação jornalística divulga não apenas um método de leitura e escrita, no caso analisado o do inglês Joseph Lancaster, mas também condutas de comportamento, promovendo a disciplina e a obediência social, sobretudo da classe trabalhadora.

Emanuela Rodrigues de Oliveira e Herbertt Neves, em *O estudo do léxico na Grammatica Expositiva, de Eduardo Carlos Pereira*, propõem uma reflexão sobre a descrição dos estudos lexicais referentes ao som, à formação, ao sentido e à organização das palavras na *Grammatica expositiva: curso superior* (1907), de Eduardo Carlos Pereira. Com esse propósito, mobilizando pressupostos da Historiografia linguística e da História das Ideias Linguísticas, bem como dos estudos do léxico, discutem os impactos que a atmosfera intelectual da época teve na descrição do conhecimento lexical, buscando expor como tais fenômenos foram descritos. A análise lhes possibilita concluir que, inserida na gramatização brasileira da língua portuguesa, a gramática de Pereira reproduz o padrão da gramática advinda do século XIX, sem maiores inovações para o momento de sua primeira edição, a despeito de ter sido muito utilizada em colégios à época e de ser, em seu entender, muito conhecida até os dias atuais.

Na produção de Thaís de Araújo da Costa, Bruna Alves Goulart e Giulia Nascimento Mello, somos brindados por uma discussão que focaliza o conceito de instrumentos linguísticos a partir da especificidade brasileira dos processos de gramatização. No texto que tem como título *Instrumentação linguística no espaço-tempo brasileiro: o nacional e o regional a partir de Said Ali e Nascentes*, as três autoras tomam como recorte analítico a discussão do nacional, em duas obras gramaticais de Manuel Said Ali, e do regional, em uma obra de Antenor Nascentes. A análise nos leva a um importante debate em torno da relação entre as ideias de unidade e de diversidade que se fazem presentes desde os primeiros gestos coloniais da gramatização brasileira.

Dener Gabriel Ferrari, em *José Julio Cleto da Silva e a gíria cabocla do sul do Paraná na história das ideias linguísticas do Brasil*, propõe-se a realizar um gesto inicial de análise do vocabulário *Gíria cabocla do sul do Paraná*, o qual fora produzido no início do século XX por José Júlio Cleto da Silva. Lançando-se a refletir, a partir da perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas, sobre a instrumentação linguística em sua

dimensão regional, o autor reconstrói as condições de produção em que se inscreve o instrumento eleito como objeto e tece algumas considerações analíticas acerca do seu título, do prefácio e de alguns verbetes dele recortados. A partir disso, demonstra como em tal instrumento as divisões entre espaços, línguas e sujeitos se fazem significar e como se dá o estabelecimento de uma relação sinonímica entre a chamada gíria cabocla e a língua nacional.

O artigo *Corpos e sentidos em disputa: os verbetes “mulher” e “homem” no Dicionario de la Lengua Española*, de autoria de Joyce Palha Colaça e Maria Caroline dos Santos Fonseca, toma como objeto, para o empreendimento de sua reflexão, o instrumento linguístico dicionário. Seis diferentes edições do *Dicionário de Língua Espanhola*, editado pela Real Academia Espanhola, constituem o *corpus* de análise através do qual Colaça e Fonseca analisam manutenções e deslocamentos na memória discursiva materializada no dicionário espanhol e que disponibiliza os dizeres para mulher e homem na história. O texto é sustentado pela relação teórica entre a Análise de Discurso materialista e a História das Ideias Linguísticas. Com o resultado da análise, Colaça e Fonseca mostram a forma pela qual o dicionário passa a ser um lugar para o registro e perpetuação de sentidos que ligam a mulher à privacidade do labor doméstico e o homem à visibilidade do espaço público.

Cássio Daniel Siqueira e Ana Livia Agostinho escrevem em coautoria o texto *A Gramatica Annobonesa, de Natálio Barrena: uma gramática missionária de uma língua crioula*. Está em foco no texto, conforme defendem o autor e a autora, uma gramática marcada pela tradição gramatical missionária que se constitui pela transposição do protótipo gramatical renascentista. A gramática em questão toma como língua foco o fa d’Ambô, uma língua crioula falada em Ano Bom, ilha da Guiné Equatorial. A análise de Siqueira e Agostinho se concentra em dois gestos: a caracterização das peculiaridades do instrumento linguístico em questão e a compreensão do modo pelo qual o gramático Natálio Barrena implica sua compreensão de língua na descrição que faz do fa d’Ambô.

Em *A colocação pronominal em locuções verbais: entre a norma predicada e a praticada*, Ana Teixeira e Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos fazem trabalhar em sua escrita uma relação interessante entre a História das Ideias Linguísticas e a Sociolinguística Variacionista. No texto, Teixeira e Anjos realizam um batimento que permite a análise e a comparação da prescrição gramatical acerca da colocação pronominal em locuções verbais com a prática desse fenômeno linguístico na escrita de

textos cultos dos primeiros quinze anos do século XXI. As gramáticas analisadas datam do século XX e percorrem um curso temporal de pelo menos sessenta anos. Os textos da prática escrita compõem um arquivo múltiplo constituído de diferentes formas materiais: textos jurídicos, religiosos, jornalísticos, literários entre outros. O resultado da reflexão dos autores mostra de modo contundente o papel dos instrumentos linguísticos na manutenção de uma realidade linguística que se desencontra da fluidez da língua.

No artigo *Norma padrão e norma dita culta: confusão sistêmica entre instrumento linguístico e amostra de variação*, Fernanda de Oliveira Cerqueira problematiza, a partir de um tripé teórico que entremeia o caráter indisciplinar da Linguística Aplicada, a Sociolinguística e a História das Ideias Linguísticas, a aproximação dos conceitos de norma padrão e de “norma estabelecida como culta”. Defende a autora que o conceito de norma padrão, por regular a gramática normativo-prescritiva, funciona como instrumento linguístico que não se pode confundir com os usos linguísticos recorrentes de sujeitos socialmente considerados cultos, usos esses reconhecidos como a “norma culta”. Na conclusão de seu texto, Cerqueira aponta que a confusão entre os conceitos produz efeitos sobre as práticas sociais de uso da língua e a própria relação da língua com o poder social. Destacamos a sensível dedicatória que a autora faz a sua professora que a introduziu na temática do texto, a professora Viviane Gomes de Deus Deiró, que materializa a potência da trajetória e do encontro de duas mulheres negras no campo da linguagem.

*O exemplo nas gramáticas jesuítas de guarani*, de Carolina Rodriguez-Alcalá, é uma tradução de “L'exemple dans les grammaires jésuitiques du guarani”, artigo publicado em 2007 no número 166 da revista *Langages*, organizada por Jean-Marie Fournier. Nele, a autora descreve o funcionamento dos exemplos nas primeiras gramáticas de guarani, escritas por missionários jesuítas nos séculos XVII e XVIII com vistas a atender interesses coloniais espanhóis na então região do Paraguai. A partir disso, tece uma importante reflexão sobre o funcionamento do exemplário em instrumentos linguísticos, demonstrando como a finalidade e as condições iniciais desse trabalho de gramatização determinaram a constituição do *corpus* de exemplos, no que diz respeito ao estatuto dos mesmos e aos critérios de validação, bem como à sua relação com a oralidade.

*Instrumentos linguísticos e língua nacional: um acontecimento no Brasil do século XIX*, de Eduardo Guimarães, é uma tradução de “Instruments linguistiques et langue nationale: un événement au Brésil au XIXe siècle”, o qual fora publicado

originalmente em francês no livro *Penser l'histoire des savoirs linguistiques: hommage à Sylvain Auroux*, de organização de Sylvie Archaimbault, Jean-Marie Fournier e Valérie Raby (ENS Éditions, 2014). Nele, considerando o novo Programa de Português para os Exames Preparatórios no Brasil, estabelecido em 1887 por Fausto Barreto no Colégio Pedro II, como um acontecimento decisivo no processo brasileiro de gramatização, o autor reflete acerca da sua relação com a questão da Língua Nacional e Oficial de um Estado-Nação. Além disso, buscando compreender em que medida tal acontecimento ou aquilo que ele estabelece pode ser concebido como um instrumento linguístico, argumenta que, embora seja um instrumento gramatical, o Programa não é um instrumento da ordem da normatização da língua, mas da normatização do que se deve ensinar sobre a língua e como, o que o leva a designá-lo como um meta-instrumento linguístico.

Por último, o leitor encontrará neste número uma resenha de Bruno Turra de *Saussure*, a biografia do linguista Ferdinand de Saussure escrita por John Joseph e publicada inicialmente em 2012, pela Oxford University Press. A obra, traduzida para o francês por Nathalie Vincent-Arnaud e publicada pela Lamber-Lucas em 2022, tem cerca de 800 páginas e ganhará uma tradução em português brasileiro, de autoria do próprio Bruno Turra, prevista para ser publicada pela Editora da Unicamp em 2024. Na resenha, Turra insere essa biografia de Saussure num possível novo movimento de (re)leitura do saussurianismo no Brasil, movimento este no qual, como pontua, “a paternidade do estruturalismo que lhe foi atribuída passa a ser relativizada e suas obras passam a ser lidas não mais do ponto de vista das ‘dicotomias estanques’, da ‘exclusão do sujeito e da fala’” (TURRA, neste número).

Convictos do impacto que todos esses trabalhos, pela excelência que apresentam, alcançarão, desejamos a todos uma boa leitura!

Thaís de Araujo da Costa (UERJ)

Rogério Modesto (UESC)

José Edicarlos de Aquino (UFT)

## Referências

AQUINO, José Edicarlos de. Gramática: instrumento técnico/ferramenta político-histórica. In: MEDEIROS, Vanise; Esteves, Phellipe Marcel da. S. et al. (Org.). *Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas: Pontes, 2020, p. 113-118.

ARNOUX, Elvira Narvaja de. *Los discursos sobre la nación y el lenguaje en la formación del Estado (Chile, 1842-1862): estudio glotopolítico*. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2008.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

AUROUX, Sylvain. *La raison, le langage et les normes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

AUROUX, Sylvain ; MAZIÈRE Francine (ed.), *Hyperlangues et fabriques de langues, Histoire Épistémologie Langage*, 28/2, 2006.

COLLINOT, André ; MAZIERE Francine. *Un prêt à parler : le dictionnaire*. Paris : PUF, 1997.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris : Klincksieck, 2010.

ESTEVEES, P. M. da S. (2014) *O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras(1863-1973)*. Tese de Doutorado. Niterói: Instituto de letras/UFF.

FERNANDES FERREIRA, A. C. (2020). Saberes linguísticos cotidianos. *Porto Das Letras*, 6(5), 324–351

GONÇALVES, J. S. S., ZOPPI FONTANA, Mónica. O direito como instrumento de políticas linguísticas no espaço de enunciação brasileiro: questões para a Análise materialista de Discurso. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 24, n. 3, p. 625-645, jul.-set. 2021.

GUIMARÃES, E. Instruments linguistiques et la langue nationale : un événement au Brésil au XIXe siècle. In: ARCHAIMBAULT, S.; FOURNIER, J-M.; RABY, V. (Éds.). *Penser l'histoire des savoirs linguistiques: hommage à Sylvain Auroux*. Lyon: ENS Éditions, 2014. p. 465-477.

MEDEIROS, Vanise. Glossários. In: MEDEIROS, Vanise; Esteves, Phellipe Marcel S. et al. (Org.). *Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas: Pontes, 2020, p. 09-20.

MODESTO, Rogério. Mulatos nos dicionários de português ou sobre o que uma palavra pode contar da mestiçagem no Brasil. *Interfaces*. v. 13, n. 3, p. 1- 15, 2022.

ORLANDI, E. P. Apresentação. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes / Cáceres: Unemat, 2001.

PETRI, V.; MEDEIROS, V. Da Língua Partida: Nomenclatura, Coleção de Vocábulo e Glossários Brasileiros. *Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM*, Santa Maria, n. 46, p. 43-66, 2013.

PFEIFFER, C.R. L'école, la langue maternelle et la langue nationale. In : ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Un dialogue atlantique : production des sciences langage au Brasil*. Lyon : ENS Éditions, 2007. p. 115-125.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das idéias linguísticas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 53, v. 2. p. 197-217, 2011.

ZOPPI FONTANA, Mónica. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. In: *Conexão Letras*, UFRGS, Porto Alegre, v. 12, 2017.

ZOPPI FONTANA, Mónica. O português do Brasil como língua transnacional. In: ZOPPI FONTANA, Mônica (Org.). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: RG, 2009, p. 12-41.